

# Etnobotânica das Plantas Medicinais Cultivadas nos Quintais do Bairro de Algodual em Abaetetuba/PA

Ethnobotany of Medicinal Plants Cultivated in Homegardens of the Algodual District in Abaetetuba/PA

DOI 10.5935/2446-4775.20160020

<sup>1</sup>FERREIRA, Leodiane Baia\*; <sup>1</sup>RODRIGUES, Marcilene Oliveira; <sup>1</sup>COSTA, Jeferson Miranda\*

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará, Abaetetuba, PA, Brasil.

\*Correspondência: leodianebaia@gmail.com

## Resumo

O município de Abaetetuba, localizado na mesorregião do nordeste paraense, possui uma população que detém um rico conhecimento sobre a flora regional. Diante disso, o presente estudo apresenta um levantamento das plantas medicinais que são usadas e cultivadas nos quintais dos moradores do bairro de Algodual em Abaetetuba-PA. Foram feitas entrevistas semiestruturadas com 44 moradores do bairro de Algodual. As plantas listadas nas entrevistas foram coletadas e fotografadas durante turnês-guiadas, obtendo-se assim material botânico para a identificação das espécies com base na literatura especializada. Foram listadas 138 etnoespécies distribuídas em 49 famílias, onde a mais citada foi *Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers. (pirarucu) com 35 citações. Dentre as partes mais utilizadas para o preparo terapêutico destacam-se a folha (83), seguida de ramo (18) e raiz (11). Entre as indicações mais frequentes para o uso dos remédios estão as doenças do sistema digestivo e as doenças culturais, com mais de 20% de indicações cada. Desta forma, foi possível constatar o grande conhecimento sobre o uso de plantas medicinais cultivadas nos quintais urbanos de Abaetetuba.

**Palavras-chave:** Quintal urbano. Conhecimento popular. Cultivo de plantas medicinais.

## Abstract

The town of Abaetetuba in the northeastern middle region of Para has a population that has a rich knowledge about the regional flora. Thus, this study presents a survey of medicinal plants that are used and grown in the residential homegardens of the Algodual District in Abaetetuba-PA. Semi-structured interviews were conducted with 44 residents of the Algodual District. The plants listed in the interviews were collected and photographed during guided-tours, thus yielding botanical material for species identification based on literature. 138 were listed ethnospecies distributed in 49 families, where the most cited was *Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers. (pirarucu) with 35 citations. Among the parts most commonly used for the preparation

of medicinal remedies stand out from the leaf (83), followed by the branch (18) and the root (11). Among the most frequent indications for the use of remedies are diseases of the digestive system and the cultural diseases, with more than 20% of nominations each. Thus, there has been great knowledge about the use of medicinal plants grown in the urban homegardens of Abaetetuba.

**Keywords:** Urban home gardens. Popular knowledge. Cultivation of medicinal plants.

---

## Introdução

Sabe-se pouco a respeito do uso de plantas medicinais cultivadas em quintais urbanos, embora atualmente o uso dessas plantas não se restrinja às zonas rurais ou regiões desprovidas de assistência médica e farmacêutica (MOURA e ANDRADE, 2007). De fato, nos últimos anos, as plantas medicinais estão sendo utilizadas intensamente no meio urbano, como forma alternativa ou complementar aos tratamentos da medicina oficial (DORIGONI et al., 2001). Cenário este cada vez mais evidente na região Amazônica.

Abaetetuba, município localizado no nordeste paraense, faz parte da rica Amazônia brasileira e detém uma população com grande conhecimento a respeito da diversidade vegetal da região, especialmente no que se refere a sua flora medicinal. Entretanto, inexistem estudos sobre plantas medicinais cultivadas em quintais urbanos da referida cidade, pois, como afirma Berg (2010), o uso terapêutico dos vegetais empregados em medicina popular é muito discutido, porém pouco investigado com base científica.

O bairro de Algodual é um dos mais populosos de Abaetetuba, com considerável parte dos seus moradores, oriundos das “regiões das ilhas” (zona rural) do município. Por conta disso, conhecimentos agrícolas e medicinais (medicina popular e tradicional) estão associados a esta origem. Entretanto, quem trabalhou por longos anos na Amazônia estudando os usos das plantas pelos povos indígenas e caboclos, chama a atenção para a ameaça de extinção que paira sobre o conhecimento detido por estes, em consequência do crescente processo de aculturação e ocidentalização da região (FERREIRA, 2000).

Desta forma, o presente estudo objetivou realizar um levantamento das plantas medicinais ocorrentes nos quintais dos moradores do bairro de Algodual em Abaetetuba, Pará, bem como sistematizar e analisar as informações sobre as espécies utilizadas para fins terapêuticos, visando registrar e preservar os conhecimentos dos moradores sobre a utilização das plantas medicinais cultivadas em seus quintais e suas possibilidades de ação farmacológica.

## Material e Métodos

O município de Abaetetuba está localizado na Mesorregião do Nordeste Paraense, a cerca de 120 km da capital (Belém), com uma extensão territorial de 1.611 km<sup>2</sup> e aproximadamente 140.000 habitantes (IBGE, 2010). Possui uma rede hidrográfica bastante vasta composta por inúmeros rios, furos e igarapés, apresentando cerca de 45 ilhas com destaque para Sirituba, Campompema e Pacoca, com uma população que sobrevive dos recursos naturais, como o cultivo do açaí que possui grande importância econômica e alimentar para esta região (MACHADO, 2008).

O bairro do Algodual foi um dos primeiros a serem povoados na zona urbana do município, sendo o de maior extensão territorial e concentração populacional de Abaetetuba. Além disso, abriga um grande contingente de moradores que mudaram da zona rural (ilhas) do município com intuito de melhorar suas condições de vida. As terras do bairro foram em grande parte “invadidas” (empossadas) por estes novos residentes que se instalaram, construindo casas de madeira, como faziam no seu local de origem.

Apesar de mudarem da zona rural para a zona urbana, muitos moradores do bairro não se desvincularam de suas tradições rurais, mantendo suas propriedades no “sítio”, as quais visitam semanalmente para extração de produtos vegetais, como o açaí, e animais, como caça e pesca para venda na feira de Abaetetuba. Inicialmente a população vivia às margens dos rios, igarapés e furos que cortam o bairro. Há menos de uma década o bairro vem sofrendo um processo de urbanização.

Os moradores do bairro de Algodual foram selecionados para as entrevistas conforme o método “bola de neve” (ALBUQUERQUE et al., 2010a). Dessa forma, foi possível coletar informações sobre os moradores que possuem conhecimentos etnobotânicos referente às plantas medicinais, bem como o hábito de cultivá-las em seus quintais.

A coleta dos dados foi realizada no período de janeiro a novembro de 2012, por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com os moradores do bairro do Algodual, seguindo metodologias descritas por Albuquerque e colaboradores (2010b) e aplicando dois tipos de formulários: um para coletar as informações socioeconômicas dos entrevistados e outro para coletar informações etnobotânicas. Além disso, algumas entrevistas foram gravadas com o auxílio de câmera digital para garantir que as falas dos entrevistados fossem registradas para facilitar a posterior organização e análise dos dados. Para aproveitar o máximo de informações que ficaram implícitas nas entrevistas, utilizou-se, ainda, de conversas informais para dar maior liberdade aos entrevistados, além de observação participante (ALBUQUERQUE et al., 2010b).

Durante as visitas de entrevista foi aplicado o método de “turnê guiada” que, segundo Albuquerque e colaboradores (2010b), consiste em um método muito utilizado nas pesquisas em florestas. Entretanto, houve a necessidade de aplicá-lo neste estudo, pois se verificou que, quando os moradores mostravam seus quintais, lembravam-se de mais plantas que não tinham citado durante a entrevista. O material botânico foi coletado durante 12 turnês guiadas, realizadas depois das entrevistas. A coleta e a herborização dos espécimes vegetais foram realizadas seguindo técnicas descritas por Ming (2006).

A identificação das espécies foi feita por meio de “chaves de identificação” e textos taxonômicos ou por meio da comparação dos espécimes coletados com fotos de exsicatas e/ou plantas vivas, cujas imagens estivessem disponíveis nos sites: TROPICOS.ORG do Missouri Botanical Garden (<http://www.tropicos.org>) e/ou do JSTOR Plant Science (<http://plants.jstor.org>). As famílias botânicas foram circunscritas de acordo com o sistema de classificação proposto pela Angiosperm Phylogeny Group – APG III (2009). Os nomes científicos foram revisados com base na Lista da Flora do Brasil (2012) e do Missouri Botanical Garden. Após a identificação, as exsicatas foram depositadas na coleção biológica do Instituto Federal do Pará – Campus Abaetetuba.

Foi realizada uma análise qualitativa e quantitativa dos dados socioeconômicos e etnobotânicos, tabulados em planilhas do Microsoft Excel 2007 e, posteriormente, organizados em tabelas.

## Resultados e Discussão

### Dados Socioeconômicos dos entrevistados

De um total de 44 moradores entrevistados, a maioria (41) foi do sexo feminino, tal como foi constatado nos estudos de Amaral e Guarim Neto (2008), Lima e colaboradores (2007) e Oliveira, Oliveira e Andrade (2010), realizados com comunidades urbanas de diferentes regiões do país. De fato, para Amorozo e Gély (1988), de modo geral, a mulher domina melhor o conhecimento das plantas que crescem próximo a sua residência, no quintal e no sítio, enquanto o homem conhece mais as plantas da floresta. Além disso, 31 entrevistados compreendiam uma faixa etária de 50 a 90 anos de idade. Para Scoles (2006), as pessoas mais idosas e as mulheres detêm mais conhecimento fitoterápico, especialmente em relação às plantas cultivadas nos arredores da casa.

Quanto à origem dos entrevistados, constatou-se que 29 deles são oriundos da “região das ilhas” do município. Estes dados revelam uma forte influência cabocla nos conhecimentos sobre plantas medicinais pelos moradores do bairro de Algodual, tendo em vista que a maioria teve origem em populações ribeirinhas tradicionais, onde aprenderam práticas de cultivo e uso que são repassados de geração a geração.

Ming (2006), ao estudar o tempo de residência dos moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes, verificou que o fato dos moradores morarem mais anos nas comunidades reflete um maior conhecimento sobre a flora regional. Em se tratando dos quintais urbanos do bairro de Algodual, através da observação participante e conversas informais com os moradores locais, pode-se dizer que os mesmos, quando vieram residir no bairro, não encontraram um ambiente com características totalmente urbanas, tendo em vista que muitos quintais dos entrevistados são delimitados por igarapés. Dessa forma, os “caboclos” que vinham residir na área desse estudo não encontraram um local muito diferente daquele de origem (zona rural do município), tendo apenas que transferir suas práticas de cultivo de plantas medicinais para a região urbana, trazendo espécies que eram do “interior” para se adaptarem nos seus novos quintais.

### Dados Etnobotânicos

Se, por um lado, esses novos modos de vida assimilam a essência das formas de convivência propriamente urbanas, por outro, retêm antigas práticas provenientes de suas origens rurais (MONTEIRO e MENDONÇA, 2004). Fato este observado nas formas de manejo das plantas medicinais, em que algumas ainda são armazenadas em “paneiros” (cestos feitos com fibras extraídas de espécies vegetais amazônicas), canteiros, recipientes plásticos sem utilidade doméstica, e até mesmo embarcações sem uso. Estes recipientes são preenchidos com caroços de açaí e terra preta. Esta prática é usada para proteger de pragas, insetos e animais domésticos, ou até que as plantas estejam prontas para serem transplantadas para o solo do próprio quintal.

Dependendo das suas propriedades, as plantas ocupam diferentes espaços nos quintais, que em sua maioria circundam toda a casa. Desta forma, são selecionadas plantas ornamentais e ritualísticas para serem plantadas na frente das residências, como espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata* Prain), cravo (*Tagetes erecta* L.), pimenta malagueta (*Capsicum frutescens* L.) e jiboia (não identificada), que segundo os moradores servem para proteger a casa e/ou afastar “mau olhado” e, ainda, exercer caráter ornamental na fachada da residência. Já na porção final dos quintais, são selecionadas para plantio as plantas de caráter terapêutico como anador (*Coleus forskohlii* (Willd.) Briq.), erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E. Br.

ex Britton & P. Wilson), quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.), manjerona (*Origanum vulgare* L.) e hortelã (*Mentha* sp.), que são de fácil acesso aos moradores. As espécies que germinam espontaneamente como vassourinha (*Scoparia dulcis* L.), maria-mijona (não identificada), quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.) e comida de jabuti (*Peperomia pellucida* (L.) H.B.K.) não possuem tantos cuidados com manejo e cultivo por parte dos moradores. Alguns deles relataram que essas espécies chegam a dominar o quintal, o que os obrigam a eliminar parte dessas plantas, liberando espaço para outras sobreviverem.

Foi perguntado aos entrevistados sobre o aprendizado acerca do uso e cultivo das plantas medicinais. Assim, 25 responderam que aprenderam com seus Pais (57%), sendo a figura da mãe muito representativa; 10 responderam que aprenderam com Vizinhos (23%); cinco aprenderam com os “Antigos” – pessoas mais idosas, ou que já faleceram (11%) e quatro com Parentes, Amigos e Conhecidos (9%), conforme representado nas falas de alguns moradores do bairro:

*“Deveriam abrir um posto de saúde.” (J. P. A. F, 22 anos);*

*“Isso é do tempo de minha mãe; eu era criança e via ela fazer, ai aprendi”. (D. Maria)*

*“Isso é do tempo dos antigos”. (D. Branca)*

*“Da farmácia popular da boca do povo”. (Sr. João)*

Os moradores entrevistados também foram questionados quanto ao ensino do seu conhecimento sobre as plantas medicinais, 41 deles disseram que ensinam sobre o uso desses vegetais (ca. 93%). Segundo Scoles (2006), a troca de saberes e favores é uma prática muito comum entre comunidades rurais amazônicas e; nos quintais do bairro de Algodual o contexto é o mesmo. Em vista disso, considerando essa predisposição dos moradores para ensinar seus conhecimentos sobre as plantas medicinais e, dependendo do interesse das próximas gerações, tal conhecimento poderá ser adquirido por essas comunidades.

### Dados gerais das plantas medicinais

Foram listadas pelos moradores entrevistados 138 etnoespécies medicinais, das quais 101 foram identificadas em nível de espécie, 17 em nível de gênero e 20 não foram identificadas, tal como consta na (TABELA 1), com informações botânicas e número de citações. Dentre as 138 etnoespécies citadas pelos moradores, 113 encontravam-se cultivadas nos quintais durante as visitas de entrevista, sendo que as espécies de hábito herbáceo representavam 52% do total de plantas encontradas, seguidas de espécies de hábito arbóreo e subarbustivo que representavam 16% e 17%, respectivamente.

Carniello e colaboradores (2010) acreditam que o número de espécies cultivadas está mais diretamente relacionado ao interesse e necessidade do proprietário, aliados à arquitetura e porte das espécies e, sob a influência do espaço territorial disponível para o cultivo de plantas. De fato, as espécies herbáceas são preferidas pela população do bairro de Algodual, pois são de fácil cultivo e manejo, não requerendo muitos cuidados e estando disponíveis para consumo imediato.

Além disso, do total de espécies cultivadas, constatou-se que 57% são nativas da Amazônia e 43% exóticas. Este fato pode estar aliado à facilidade de cultivar plantas medicinais ao redor das casas, além de que o uso de plantas medicinais é predominante entre as mulheres do bairro, que, em sua maioria, relataram

não ter o hábito de ir mata adentro coletar plantas nativas, o que pode ajudar a entender o grande número de espécies exóticas no bairro. Por outro lado, o considerável número de plantas nativas remete ao fato de que a população estudada conseguiu preservar as espécies que trouxeram do seu local de origem.

**TABELA 1** - Etnoespécies medicinais citadas pelos moradores do bairro de Algodal em Abaetetuba, Pará. Legenda: Hábito: A - árvore, Ar - arbusto, Sub - subarbusto, H - herbácea, T - trepadeira; C - cultivada, E - espontânea; NC - não cultivada.

Nome Popular	Nome Científico	Família Botânica	Nº de Citações	Hábito	Cultivada/Espontânea
Abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	6	A	C
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Bromeliaceae	3	H	NC
Açaizeiro	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Arecaceae	6	A	C
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	3	Sub	NC
Alecrim-da-Angola	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Lamiaceae	2	Ar	C
Alfavaca	<i>Ocimum</i> sp.01	Lamiaceae	5	Sub	C
Alfavacão	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Lamiaceae	1	Sub	NC
Algodoeiro	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Malvaceae	11	Ar	C
Amor-crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	Portulacaceae	12	H	C
Anador	<i>Coleus forskohlii</i> (Willd.) Briq.	Lamiaceae	21	H	C
Ananí	-	-	1		NC
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Meliaceae	3	A	NC
Aningapara	<i>Dieffenbachia</i> sp.01	Araceae	2	Sub	C
Apíí	<i>Dorstenia</i> sp.	Moraceae	1	H	C
Ariá	-	-	1		NC
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Anacardiaceae	4	A	C
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	11	Sub	C
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Xanthorrhoeaceae	18	H	C
Banana	<i>Musa xparadisica</i> L.	Musaceae	1	H	NC
Banana roxa	<i>Musa</i> sp.	Musaceae	1	H	NC
Barbatimão	<i>Stryphnodendron barbatimam</i> Mart.	Fabaceae	2	A	NC
Boldo	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Asteraceae	31	Ar	C
Borboleta	<i>Hedychium coronarium</i> J. Koenig	Zingiberaceae	7	Sub	C
Bugarí	-	-	1		NC
Buiuçu	<i>Ormosia</i> sp.	Fabaceae	1	A	C
Buscopan	-	-	2	H	C
Cabi	<i>Callaeum antifebrile</i> (Griseb.) D.M. Johnson	Malpighiaceae	8	H	C
Cachorrinho	-	-	1	H	C
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	8	A	C
Caju-do-mato	<i>Anacardium giganteum</i> W. Hancock ex Engl.	Anacardiaceae	3	A	NC
Cala boca	<i>Colocasia</i> sp.	Araceae	1	H	C

Camapú	<i>Physalis angulata</i> L.	Solanaceae	1	H	C
Camembeca	<i>Caamembeca spectabilis</i> (DC.) J.F.B. Pastore	Polygalaceae	1	Sub	NC
Camomila	<i>Matricaria recutita</i> L.	Asteraceae	2	H	NC
Canafiche	<i>Costus arabicus</i> L.	Costaceae	29	Sub	C
Canela	<i>Cinnamomum</i> sp.	Lauraceae	2	A	C
Capim-marinho	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Poaceae	10	H	C
Casca do carapanã	-	-	1	A	NC
Carrapatinho	<i>Peperomia circinnata</i> Link	Piperaceae	1	H	C
Caatinga-de-mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Lamiaceae	12	H	C
Caxinguba	<i>Ficus insipida</i> Willd.	Moraceae	1	A	NC
Chama	-	-	4	H	C
Chicória	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Apiaceae	3	H	C
Cibalena	<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuchlik ex R.E. Fr.	Amaranthaceae	1	H	C
Cipó-alho	<i>Mansoa alliacea</i> (Lam.) A.H. Gentry	Bignoniaceae	9	T	C
Cipó-pucá	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	Vitaceae	6	H	C
Cominho	<i>Cuminum cyminum</i> L.	Apiaceae	1	H	NC
Comida de jabuti	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Piperaceae	12	H	E
Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia</i> sp.02	Araceae	4	Sub	C
Coramina	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.	Euphorbiaceae	19	Sub	C
Corrente	<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	Amaranthaceae	2	Sub	C
Cravo	<i>Tagetes erecta</i> L.	Asteraceae	7	Sub	C
Curuatá	-	-	1	Sub	C
Curucaá	<i>Cordia multicapitata</i> Britton ex Rusby	Boraginaceae	2	Ar	C
Dinheiro em penca	<i>Phyllanthus</i> sp.	Euphorbiaceae	1	H	C
Elixir paregórico	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Piperaceae	2	H	C
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	Verbenaceae	33	Sub	C
Erva-cidreira carmelitana	<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	1	H	C
Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Apiaceae	7	H	NC
Erva de jabuti	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Piperaceae	1	H	E
Espada de São Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Asparagaceae	2	H	C
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Myrtaceae	1	A	C
Folha do rêgo	-	-	1	H	C
Fedegoso	<i>Cassia occidentalis</i> L.	Fabaceae	1	Sub	C
Feijão Gandú	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Fabaceae	2	Ar	C
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Zingiberaceae	5	H	C
Genipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	2	A	C

Gergelim preto	<i>Sesamum indicum</i> L.	Pedaliaceae	2	H	NC
Jiló	<i>Solanum aethiopicum</i> L.	Solanaceae	1	Sub	C
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	8	A	C
Hortelã	<i>Mentha</i> sp.01	Lamiaceae	25	H	C
Hortelã da folha grossa	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Lamiaceae	1	H	C
Hortelã-pimenta	<i>Mentha</i> sp.02	Lamiaceae	2	H	C
Jamacarú	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactaceae	6	Sub	C
Jambú	<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K. Jansen	Asteraceae	3	H	C
Japana branca	<i>Ayapana triplinervis</i> (Vahl) R.M. King & H. Rob.	Asteraceae	10	Ar	C
Japana roxa	<i>Ayapana triplinervis</i>	Asteraceae	8	Ar	C
Jiboia	-	-	1	T	C
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Fabaceae	11	A	C
Lágrima-de-nossa senhora	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Poaceae	11	H	C
Laranja-da-terra	<i>Citrus</i> sp.01	Rutaceae	19	A	C
Limoeiro	<i>Citrus medica</i> L.	Rutaceae	5	A	C
Luftal	-	-	1	H	C
Macela	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Asteraceae	12	Sub	C
Malva Rosa	<i>Pelargonium zonale</i> L'Hér.	Geraniaceae	1	Sub	NC
Malvarisco	<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	1	H	C
Mamoeiro	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	1	Ar	C
Mamorana	<i>Pachira insignis</i> (Sw.) Sw. ex Savigny	Malvaceae	3	A	C
Mandacarú	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactaceae	2	Ar	C
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	5	A	C
Manjeriço	<i>Ocimum</i> sp.02	Lamiaceae	12	H	C
Manjirona	<i>Origanum vulgare</i> L.	Lamiaceae	3	H	C
Manjirona Carmelitana	<i>Origanum vulgare</i>	Lamiaceae	1	H	NC
Maracujá do mato	<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	Passifloraceae	1	T	NC
Maria mijona	-	-	6	H	E
Marupazinho	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.	Iridaceae	15	H	C
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Amaranthaceae	11	H	C
Mendaco	-	-	3	Sub	C
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	2	H	NC
Mucura-caá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolacaceae	21	H	E
Noni	<i>Morinda triphylla</i> (Ducke) Steyerl.	Rubiaceae	6	A	C
Oeiras	-	-	1	H	C
Óleo Elétrico	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Piperaceae	5	H	C
Oriza	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	Lamiaceae	12	H	C



Ortiga do sertão	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Lamiaceae	6	H	C
Panama	<i>Oxalis triangularis</i> A.St.-Hil.	Oxalidaceae	1	H	C
Papagainho	-	-	1	H	C
Parirí	<i>Fridericia chica</i> L.G. Lohmann	Bignoniaceae	14	T	C
Pata de vaca	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Fabaceae	4	A	C
Pataqueira	-	-	1	H	C
Patchoulí	<i>Chrysopogon zizanioides</i> (L.) Roberty	Poaceae	5	H	C
Pau-da-Angola	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Lamiaceae	8	Ar	C
Pião Roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae	10	Ar	C
Pião Branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae	4	Ar	C
Picão	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	9	H	C
Pimenta malagueta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae	3	Sub	C
Pirarucu	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Crassulaceae	35	H	C
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	1	A	C
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Phyllanthaceae	19	H	E
Rio negro	<i>Philodendron andreanum</i> Devansaye	Araceae	1	Sub	C
Sara-tudo	-	-	2	H	C
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	Adoxaceae	6	Ar	C
Sangue de cristo	<i>Aristolochia didyma</i> S. Moore	Aristolochiaceae	1	H	C
Sete-dores	<i>Coleus forskohlii</i>	Lamiaceae	7	H	C
Sucurijú	<i>Mikania</i> sp.	Asteraceae	26	T	C
Tamaquaré	<i>Caraipa densifolia</i> Mart.	Calophyllaceae	2	H	C
Terramicina de planta	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae	2	H	C
Trevo cumaru	<i>Justicia</i> sp.	Acanthaceae	1	H	NC
Trevo da colônia	-	-	1	H	NC
Trevo Roxo	<i>Hemigraphis alternata</i> (Burm. f.) T. Anderson	Acanthaceae	1	H	C
Turangeira	<i>Citrus</i> sp.02	Rutaceae	1	A	C
Urumã de cheiro	-	-	1	H	NC
Vai e volta	<i>Calanthe</i> sp.	Capparaceae	1	H	C
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Plantaginaceae	2	H	C
Vieira morta	-	-	1	H	C
Vinagreira Roxa	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Malvaceae	1	Sub	C
Vindicá	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.	Zingiberaceae	14	H	C
Vindicá de pajé	<i>Alpinia nutans</i> (L.) Roscoe	Zingiberaceae	3	H	C

## Uso dos espécimes vegetais em preparações terapêuticas

Foi constatado que, dentre as partes vegetais mais utilizadas pelos moradores em preparações terapêuticas, destacam-se as folhas (83 citações), seguidas de ramo (18) e raízes (11). De fato, as folhas são muito utilizadas, pois são de fácil coleta e sua extração parcial não prejudica a planta, ao contrário da retirada de raízes e bulbos que comprometem o espécime. Também não é, em geral, viável a utilização de bulbos e raízes de plantas cultivadas em vasos pelo fato destas se apresentarem em pequenas quantidades. Além disso, segundo Jardim e Zoghbi (2008), o maior uso de folhas e ramos nas preparações terapêuticas pode ser explicado pelo fato de que na Amazônia a perenifólia é dominante.

Foram observadas dez formas de preparações terapêuticas, entre as quais o chá é a forma mais usada com 302 citações, seguido de maceração aquosa com 47 citações, misturas com 36 e "in natura" com 26. Em geral os chás foram indicados nos tratamentos de enfermidades como dores, problemas estomacais, intestinais, hepáticos, renais e doenças relativas ao sistema reprodutor feminino. Além disso, o chá é utilizado em banhos para tratar males do espírito e no asseio das partes íntimas, sendo, em alguns casos, administrados tanto por via interna como externa numa mesma preparação. Segundo Silva (2002), os chás são as preparações terapêuticas mais populares e são usados para quase todas as indicações de cura e prevenção de doenças.

Das 138 etnoespécies citadas pelos moradores do bairro, 75 são usadas em preparações de uso interno, correspondendo a 54,35% do total, 26 compõem formas de uso externo (18,85%) e 32 foram apontadas para uso interno e externo (23,18%), como é o caso da borboleta (*Hedychium coronarium* J. Koenig), cujo chá da raiz ingere-se e da folha usa-se como banho. Cinco etnoespécies (3,62%) não foram enquadradas nas demais categorias, pois apresentam uso simbólico.

Foram citadas 46 etnoespécies (33,33%) para o tratamento de doenças do sistema digestivo, 32 (23,18%) para doenças culturais, 30 (21,73%) para o tratamento de doenças e enfermidades não definidas e/ou classificadas, 27 (19,56%) para doenças relacionadas ao sistema respiratório, 26 (18,84%) para doenças do sistema circulatório, 23 (16,66%) para tratamento de doenças do sistema genito-urinário, 15 (10,86%) para doenças infecciosas e parasitárias, 11 (7,97%) para sistema nervoso e 10 (7,2%) para doenças do sangue. As demais classificações alcançaram índices de citação iguais ou menor a cinco. É preciso ressaltar que em muitos casos a mesma etnoespécie é usada para diferentes enfermidades.

Todas as 138 etnoespécies catalogadas tiveram indicações etnofarmacológicas segundo os moradores, sendo que as mais citadas foram pirarucu (com 35 citações), erva-cidreira (33) e boldo (31), (**TABELA 2**). Além disso, as etnoespécies citadas pelos entrevistados somaram 236 indicações terapêuticas, sendo que 62 etnoespécies tiveram mais de uma indicação, podendo estar dispostas em mais de uma categoria, por exemplo: pirarucu (*Kalanchoe pinnata*), indicada para oito categorias de doenças e enfermidades; aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), gengibre (*Zingibre officinale*), laranja-da-terra (*Citrus* sp.), pião-branco (*Jatropha curcas*), relatadas para cinco categorias cada; alfavaca (*Ocimum* sp.), anador (*Coleus forskohlii*), arruda (*Ruta graveolens*), capim-marinho (*Cymbopogon citratus*), erva-cidreira (*Lippia alba*), japana branca (*Ayapana triplinervis*), jucá (*Caesalpinia ferrea*) e manjerição (*Ocimum* sp.) citadas para quatro categorias cada.

De fato, de acordo com dados do SIIS (2010), as internações no município de Abaetetuba, no mês de junho de 2010, foram na maioria relacionadas a doenças do sistema digestivo (53 internações). Dados desta

mesma fonte revelam que, com relação ao abastecimento de água no município, de um total de 21.415 residências, cerca de 70% não utilizam rede de abastecimento de água tratada, mas sim poços, nascentes e outras formas de obtenção de água. Estes números podem estar relacionados à falta de saneamento básico, falta de tratamento da água e aos maus hábitos higiênicos dos moradores do bairro de Algodual.

**TABELA 2** - Plantas medicinais mais citadas pelos moradores do bairro de Algodual em Abaetetuba, Pará, organizadas com nome popular, nome científico, família botânica, indicação e número de citações (N°C).

Nome popular	Nome Científico	Família Botânica	Indicação	N°C
Pirarucu	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Crassulaceae	Anti-inflamatório, infecção urinária, intestinal, no fígado e estômago, colesterol, triglicérido alto, contusões, otite e dor no ouvido, erisipela, furúnculo, estômago, gastrite, inflamação na garganta, aperto e tosse.	35
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	Verbenaceae	Calmante, pressão alta e gases, insônia, nervos estômago cheio, indigestão, dor de barriga e “banhos de cheiro” no São João	33
Boldo	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Asteraceae	Diarreia, dor abdominal, dor no estômago, problemas no fígado, cólicas intestinais	31

## Conclusão

Este estudo demonstrou o quanto é amplo o conhecimento que a população urbana de Abaetetuba detém sobre cultivo e uso de plantas medicinais. Neste contexto, o papel das mulheres como conhecedoras da medicina popular foi de grande relevância, tendo em vista que elas são reconhecidas pela própria população como as grandes conhecedoras da fito farmacopeia local, por dominarem a manipulação e o uso dos remédios vegetais. A troca de plantas entre os moradores é, também, um hábito muito peculiar entre os moradores que permite a conservação das etnoespécies, além de permitir trocas de conhecimentos entre os mesmos.

Além disso, a população do bairro de Algodual está inserida num contexto rural-urbano, pois a maioria dos entrevistados é de origem rural e apenas transferiram e adaptaram suas práticas de cultivo e uso de plantas medicinais para a região urbana. Por outro lado, observou-se uma característica das comunidades urbanas: atribuir nomes de medicamentos farmacêuticos às plantas quando o efeito desejado com o uso da preparação destas é similar ao de um medicamento de uso corrente. Assim, há etnoespécies chamadas de anador, buscopan, terramicina e cibalena. Verificou-se ainda que o conhecimento da população sobre a flora local não se restringe às espécies medicinais, incluindo – além destas – aquelas de importância alimentícia, ornamental e ritualística. Isto sugere que estudos posteriores devem ser realizados para verificar estes dados adicionais não investigados no presente trabalho.

## Agradecimentos

Agradecemos aos moradores do bairro de Algodual em Abaetetuba-PA, pela receptividade durante as visitas de entrevista e coleta de material botânico; e a bióloga Idalva da Conceição Ribeiro, pela colaboração nas entrevistas e durante a etapa de coleta e herborização de material botânico.

## Referências

- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; LINS NETO, E. M. F. *Seleção e escolha dos participantes da pesquisa*. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Orgs.). *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica*, p. 23-37. COMUNIGRAF. Recife. PE. NUPPEA. 2010a.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, E. M. F.; ALENCAR, N. L. *Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos*. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Orgs.). *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica*, p. 41-55. COMUNIGRAF. Recife. PE. NUPPEA. 2010b.
- AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 3, n. 3, p.329-341. 2008. [\[Link\]](#).
- AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Botânica*, v. 4, n. 1, p.47-131. 1988.
- APG III - An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. Wiley. *Botanical Journal of the Linnean Society*, v. 161, p. 105-121. USA. 2009. [\[Link\]](#).
- BERG, M. EVD. *Plantas medicinais na Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático*. 3ª ed. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. 2010. ISBN: 978-85-61377-19-9.
- CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. S.; CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *SciELO. Acta Amazonica*, v. 40, n. 3, p. 451-470. Manaus. 2010. ISSN 0044-5967. [\[CrossRef\]](#)
- DORIGONI, P. A.; GHEDINI, P. C.; FRÓES, L. F.; BAPTISTA, K. C.; ETHUR, A. B. M.; BALDISSEROTTO, B.; BURGUER, M. E.; ALMEIDA, C. E.; LOPES, A. M. V.; ZÁCHIA, R. A. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine. RS, Brasil: relação entre enfermidades e espécies utilizadas. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 4, n. 1, p. 69-79. Botucatu. 2001. ISSN 1983-084X. [\[Link\]](#)
- FERREIRA, M. R. C. - *Identificação e Valorização das Plantas Medicinais de uma Comunidade Pesqueira do Litoral Paraense*. Tese de Doutorado apresentada no Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém. 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Município de Abaetetuba, PA. 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 07 ago. 2012.

JARDIM, M. A. G.; ZOGHBI, M. G. B. (orgs.). *A flora da RESEX Chocoaré-Mato Grosso (PA): diversidade e usos*. Museu Paraense Emílio Goeldi. 144p. Belém. 2008. ISBN 8570981368; 9788570981363.

JSTOR. Plant Science. USA. [\[Link\]](#). Acesso em: 24 nov. 2012.

LIMA, C. B. L.; BELLETTINI, N. M. T.; SILVA, A. S.; CHEIRUBIM, A.P.; JANANI, J. K.; VIEIRA, M. A. V.; AMADOR, T. S. O uso de plantas medicinais pela população da zona urbana de Bandeirantes, PR. *Revista Brasileira de Biociências*, v. 5, Supl. 1, p. 600-602. Porto Alegre. 2007.

LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. [\[Link\]](#). Acesso em: 22 ago.2012.

MACHADO, J. *O município de Abaetetuba*. Edições Alquimia. 24p. Abaetetuba/PA. 2008.

MING, L. C. *Coleta de plantas medicinais*. In: DI STASI, L.C. (org.). *Plantas Medicinais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar*, p. 69-86. Editora da Universidade Estadual Paulista. Série Natura Naturata. São Paulo. 1996. ISBN 8571391173; 9788571391178.

MING, L. C. *Plantas Medicinais na reserva extrativista Chico Mendes (Acre): Uma Visão Etnobotânica*. 1ª Ed. Editora UNESP. 164p. São Paulo. 2006. ISSN 8571397155.

MOBOT. Missouri Botanical Garden. [\[Link\]](#). Acesso em: 21 ago. USA. 2012.

MONTEIRO, D; MENDONÇA, M. M. Quintais na cidade: a experiência de moradores da periferia do Rio de Janeiro. *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia*, 2004, v. 1, p. 29-31. ISSN 1807-491X.

MOURA, C. L.; ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica em quintais urbanos nordestinos: um estudo no bairro do Muribeca, Jaboatão dos Guararapes, PE. *Revista Brasileira de Biociências*, v. 5, Supl. 1, p. 219-221. Porto Alegre. 2007.

OLIVEIRA, G. L.; OLIVEIRA, A. F. M.; ANDRADE, L. H. C. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil. *SciELO. Acta Botânica Brasílica*, v.24, n. 2, p. 571-577. São Paulo. 2010. ISSN 0102-3306. [\[CrossRef\]](#)

SCOLES, R. Sabiduría popular y plantas medicinales: el ejemplo de la comunidad negra de Itacoã, Acará, PA. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais*, v. 1, n. 2, p. 79-102, Acará, 2006. [\[Link\]](#)

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DE INDICADORES SOCIAIS DO ESTADO DO PARÁ (ABAETETUBA) – SIIS. 2010. [\[Link\]](#). Acesso em: 12 de agosto de 2012.

SILVA, R. B. L. *A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade Quilombola de Curiaú*, Macapá, AP, Brasil. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Agronomia, Universidade Federal Rural da Amazônia, 172p. Belém, 2002.

---

**Conflito de interesses:** O presente artigo não apresenta conflitos de interesses.

**Histórico do artigo:** Submissão:15/01/2016 | Aceite:07/11/2016 | Publicação: 23/02/2017

**Como citar este artigo:** FERREIRA, Leodiane Baia; RODRIGUES, Marcilene Oliveira; COSTA, Jeferson Miranda. Etnobotânica das Plantas Medicinais Cultivadas nos Quintais do Bairro de Algodal em Abaetetuba/PA. Revista Fitos Eletrônica, [S.l.], fev. 2017. ISSN 2446-4775. Disponível em: <<http://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/295>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

**Licença CC BY 4.0:** Você está livre para copiar e redistribuir o material em qualquer meio; adaptar, transformar e construir sobre este material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente, desde que respeitado o seguinte termo: dar crédito apropriado e indicar se alterações foram feitas. Você não pode atribuir termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam outros autores de realizar aquilo que esta licença permite.

---